Apresentação

Marcelo Guerra Santos
Mariana Quinteiro
(org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. Apresentação. In: *Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 6-8. ISBN: 978-85-7511-485-8.
<https://doi.org/10.7476/9788575114858.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

A conservação da natureza passou a fazer parte das prioridades das sociedades modernas. Confrontada com diferentes formas de degradação, em escala planetária, a humanidade atual tem como um de seus principais enfoques a proteção do mundo natural. Nesse contexto, a biodiversidade tem ganhado especial destaque, com grande ênfase dada às espécies de flora, fauna de determinada região.

Tornou-se assim comum a crença de que o paradigma do uso ilimitado dos recursos naturais deve ser substituído pelo paradigma da “sustentabilidade”, que sugere responsabilidades socioambientais nas mais diversas dimensões do “estar no mundo” pelo ser humano. Em torno do conceito de “sustentabilidade” estão reunidos diferentes grupos sociais, que buscam uma visão alternativa de futuro para responder efetivamente à crise ambiental.

Para alcance desse objetivo, foram criadas diferentes formas de políticas públicas, Unidades de Conservação, currículos acadêmicos e escolares, protocolos de plantio e de segurança alimentar, entre outras ações.

Entretanto, a simples implantação dessas iniciativas não é suficiente para proteção e recuperação dos ecossistemas ameaçados, sendo necessária a inclusão de propostas de manejo para que a própria sociedade seja responsável pela sua conservação. A nova concepção da sustentabilidade requer uma mudança fundamental na percepção de que o meio ambiente não está limitado aos ecossistemas biofísicos, mas inclui uma rede de interações entre a consciência humana, os sistemas sociais e o meio natural.

O conceito de “etnobiodiversidade” nos mostra que a diversidade biológica é influenciada não apenas pelas condições ecológicas, mas também pelas tradições culturais e a experiência acumulada por comunidades humanas durante o manejo de seu ambiente.

Assim, muito se tem discutido sobre o impacto negativo da sociedade humana sobre a biodiversidade, em especial pelo forte desequilíbrio gerado pelas sociedades industrializadas modernas. Entretanto, pouco se tem estudado sobre como comunidades locais exploram, conservam e enriquecem a biodiversidade, compondo a “sociodiversidade” de determinada região.

Muitos ecossistemas brasileiros abrigam comunidades humanas de grande diversidade sociocultural, que desenvolveram estilos de vida relacionados aos ambientes naturais específicos, com suas visões de mundo particulares, conhecimento extenso e minucioso dos processos naturais. Estabelecem, também, relações com o mundo natural distintas das que prevalecem nas sociedades urbano-industriais.

É evidente que, nessas discussões, generalizações não são apropriadas em nenhum dos sentidos. Incurriria um erro a visão simplista do “Mito do bom selvagem”, romantizando as formas de viver das comunidades tradicionais como sempre sendo de impactos positivos em seus meios naturais. Igualmente, as sociedades modernas promovem incríveis avanços no sentido da proteção da biodiversidade.

O que se propõe aqui é uma reflexão ao nosso modelo de conservação e educação vigentes, base da “sustentabilidade” que buscamos alcançar, considerando a importância dessas culturas rústicas, de seu resgate e valorização. Algumas perguntas que nortearam os apontamentos que se seguem versam sobre os “saberes tradicionais” da sua relevância em um mundo globalizado.

Qual a importância de trazer à tona essas formas tradicionais de conceber o universo se as culturas e os modos de observação da realidade que nos cerca se encontram em constante mudança?

Quais ferramentas dispomos para tanto, ou seja, como podemos exercer práticas em que esses saberes sejam, efetivamente, ressignificados?

Marcelo Guerra Santos

Mariana Martins da Costa Quinteiro